



Obras involuntárias, olhares extemporâneos (edições de correspondência de escritores brasileiros em 2017)

Marcos Antonio de Moraes

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

mamoraes@usp.br

“Nenhuma carta tem destinatário certo”, assegura, provocativamente, Raúl Antelo no estudo introdutório da edição da correspondência trocada entre os escritores Mário de Andrade e Newton Freitas, no período de 1940 a 1945. Para o crítico, uma vez expedidas, as cartas vivem a aventura da deriva no espaço público, deslizando do arquivo do destinatário para outros imponderáveis endereços, preservadas em mãos de terceiros ou de instituições, se resistirem ao descarte, fato mais recorrente. Assim, “o sentido atual, ativo, destas cartas é o de se integrarem, em última instância, numa educação crítica da cultura, numa enciclopédia brasileira, onde, finalmente, encontram, de maneira diferida, seu lugar provisório” (ANTELO, 2017, p. 56). Essa documentação situada no tempo, no espaço e em diferentes círculos interpessoais, sujeita a codificações discursivas e a códigos sociais historicamente cambiantes, espelha a realidade na qual estava inserida, com os seus valores e práticas. Acolhendo a multiplicidade de experiências humanas (“enciclopédia”), as cartas abrem-se para leituras transdisciplinares. Resistem, contudo, à interpretação totalizante de seus conteúdos, tendo em vista a sua natureza altamente alusiva, menos opaca apenas àqueles que primeiro vivenciaram a conversação. O caráter elíptico do discurso epistolar instaura leituras extemporâneas tateantes (“provisórias”), ensejando, inclusive, projeções e compreensões inadequadas dos escritos.

A visibilidade do legado epistolográfico amplia-se sobretudo na passagem das cartas em arquivos para o formato editorial, difusão quase sempre mobilizada por efemérides, por interesses pessoais ou coletivos, mais ou menos evidentes. Em 2017, o mercado de livros brasileiro

trouxe a lume expressivo número de edições de correspondências. A *Obra completa* do Padre Manuel da Nóbrega (Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio), incluindo nova publicação de cartas do jesuíta, bem como de outros de seus textos, produzidos no século XVI na América Portuguesa, volume organizado por Paulo Roberto Pereira, cumpre o desígnio de “celebrar” o quinto centenário do nascimento do religioso português que desembarcou no Brasil em 1549. A reedição da *Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto* (1955), de Edgard Cavalheiro (Rio de Janeiro, Verso Brasil), sob os cuidados de Valéria Lamego, trazendo agora “notas, manuscritos e acréscimos”, encontrou sintonia na homenagem da FLIP 2017 ao autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. As *Cartas de prisão*, de Frei Betto, reunindo as mensagens primeiramente difundidas em dois diferentes títulos, com a inclusão de matéria inédita, retratam a atuação do dominicano no movimento de resistência à ditadura militar dos anos de 1964 a 1985. Na “Apresentação”, o autor explicita a postura política, ao dirigir-se “às novas gerações”, em defesa da democracia, certamente tendo em vista a temível ascensão de posturas conservadoras na atualidade. No resgate do passado, o intelectual católico quer relembrar o sofrimento das vítimas nos anos de chumbo, para evitar que “tais atrocidades se repitam no futuro” (FREI BETTO, 2007, p. 13).

As edições de correspondências que chegaram às livrarias no ano passado também realçam aspectos da experiência brasileira do século XX, como o urbanismo e a religiosidade, destacando-se a movimentação na vida literária, na epistolografia de escritores. *O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima*, da arquiteta Anamaria Diniz, traz, no segundo volume, fac-símiles de substanciosas mensagens do idealizador de Goiânia aos pais, na época de sua formação no Instituto de Urbanismo da Universidade de Paris, entre 1927 e 1931. O jovem testemunha embates acerca do problema da fisionomia das cidades, na Europa e no Brasil, atento a inovações e caducidades técnicas e artísticas. Essa valiosa documentação epistolar, espólio dos herdeiros de Corrêa Lima, forneceu subsídios originais para a elaboração da tese de doutorado de Anamaria, defendida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, em 2015. *Roger Bastide/ Pierre Verger. Diálogo entre filhos de Xangô: correspondência 1947-1974*, obra apresentada e anotada pela etnóloga Françoise Morin, reconstitui o extenso diálogo epistolar entre o sociólogo e o fotógrafo/etnógrafo de origem francesa que residiram no Brasil boa parte de suas vidas, e cujo pendor investigativo se voltou para

o conhecimento das religiões afro-americanas. As cartas testificam não apenas uma fecunda partilha de consistentes saberes sobre as crenças do negro africano em sua diáspora, como também a plenitude da vivência dos dois intelectuais na cultura do outro, quando eles próprios são iniciados nos ritos iorubá (“filhos de Xangô”), concorrendo para a distinção do legado da África nas raízes da formação identitária brasileira.

As edições congregando depoimentos epistolares acerca do “mundo das letras” – expressão empregada, em 1940, por Mário de Andrade – ganham relevo na listagem de lançamentos recentes. Seis títulos retratam aspectos do “sistema literário” nacional, no que tange à produção, difusão e recepção da literatura, assim como à circulação do pensamento estético e ideológico dos autores envolvidos. Fixando a listagem das obras, a partir de uma cronologia balizada pela datação da primeira mensagem de cada conjunto, registram-se a já mencionada *Correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*, cobrindo o período de 1918 a 1922; *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, abarcando de 1925 a 1966, organizada e anotada por Silvana Moreli Vicente Dias; *Descendo a rua da Bahia: a correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade*, de 1926 a 1983, sob os cuidados de Eliane Vasconcellos e de Matildes Demetrio dos Santos; *Correspondência Mário de Andrade & Newton Freitas*, 1940 a 1945, com organização, introdução e notas de Raúl Antelo; *Encontro entre poetas: as cartas de Geraldino Brasil e de Jaime Jaramillo Escobar*, de 1979 a 1995, preparada por Beatriz Brenner; *Jorge Amado e José Saramago com o mar por meio: uma amizade por cartas*, coligindo mensagens trocadas entre 1992 e 1998, com a seleção, organização e notas de Paloma Jorge Amado, Bete Capinan e Ricardo Viel. Nesse amplo espectro temporal, que vai de 1918 a 1998 (portanto, do predomínio dos Correios tradicionais ao tempo do fax), agem as singulares linhas de força da experiência literária local em um tecido discursivo autobiográfico esgarçado, composto de mais de 430 missivas, nos quais também os silêncios são eloquentes.

Nesse conjunto de obras, paradigmático em muitos sentidos na fortuna crítica da epistolografia brasileira, figura nomes de nossos mais profícuos correspondentes. Afirma-se, primeiramente, o engajamento epistolar de Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Gilberto Freyre e Jorge Amado, que fizeram da troca de cartas uma forma potente de circulação de seus ideários estéticos e políticos. Lograram constituir abrangente rede

de sociabilidade, demarcando a centralidade de suas ações no âmbito sociocultural do país. As mais de quatro dezenas de livros de cartas do criador de *Macunaíma* e as cerca de 70 mil mensagens no acervo da Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, por exemplo, atestam a existência de atuações intelectuais exercidas pela via dos Correios. Ao lado dessas personalidades comprometidas em projetos de largo alcance, nas mãos de quem muitas das ações artísticas (nacionalismo, regionalismo, etc.), comerciais e políticas do século XX foram moldadas, figuram os nomes dos poetas Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade e do memorialista Pedro Nava, que prestigiaram a comunicação por carta, enquanto prática social da amizade, lugar de convivência intelectual e de compartilhamentos afetivos. O poeta Geraldino Brasil (pseudônimo de Geraldo Lopes Ferreira), radicado no Recife, e o crítico literário e escritor Newton Freitas, que andou em tantos países, tão avesso às cartas, gênero que considerava “íngrato” (ANTELO, 2017, p. 114), são personalidades menos conhecidas no universo literário, mas que indiciam a abrangência das trocas de cartas entre homens de letras, quando esta era ainda o mais efetivo veículo de conexão no terreno privado. De fato, como assevera Mário de Andrade na crônica “Amadeu Amaral”, de 1939, inserida em *O empalhador de passarinho*, com o modernismo, as cartas “se tornaram uma forma espiritual de vida em nossa literatura” (ANDRADE, 1972, p. 183). Diversamente, portanto, das estritas regras de bom-tom no trato da correspondência, patentes no XIX brasileiro, no século seguinte, sob o mesmo signo da liberdade de criação nas artes e na literatura, forjaram-se “cartas com assunto, falando mal dos outros, xingando, contando coisas, dizendo palavrões, discutindo problemas estéticos e sociais, cartas de pijama” (ANDRADE, 1972, p. 183).

A correspondência, engendrada pela distância, aproxima vicariamente os interlocutores (reafirmando, por vezes, contrariamente, um desejado distanciamento). Mário e Newton Freitas cimentam o tráfego cultural entre São Paulo e Buenos Aires nos anos da Segunda Guerra Mundial. Geraldino e Jaramillo Escobar entabulam um rico e inusitado intercâmbio de poesia entre Pernambuco e a Colômbia, iniciado no período da ditadura militar no Brasil. Jorge Amado e o português José Saramago, defendem, na ponte que liga a Bahia à ilha espanhola de Lanzarote, a projeção da língua portuguesa na república mundial das letras. As cartas podem unir o Recife de Freyre à antiga capital (Rio de Janeiro) de Bandeira, configurando-se como um espaço simbólico

onde os conterrâneos podem edificar o sentido de pertencimento a uma raiz comum. Lobato, em São Paulo, por meio de cartas, vai buscar “gente interessante” (CAVALHEIRO, 2017, p. 41) no Rio, como Lima Barreto, com quem se sentia afinado intelectualmente, para enriquecer as páginas da *Revista do Brasil* e o catálogo de sua auspiciosa editora; as mensagens ainda poupam o aplaudido criador de *Urupês* de se defrontar com a “vida desordenada” (CAVALHEIRO, 2017, p. 51) do autor mulato, que, em seus últimos anos de vida, perambulava, doente e alcoolizado, pelas ruas da afrancesada urbe que o marginalizava. A proximidade dos correspondentes pode obliterar o vigor da correspondência, assim como determinar o seu ritmo/fluxo. Os mineiros Drummond e Pedro Nava, residindo, a partir dos anos de 1930, na mesma Rio de Janeiro, esbarrando-se em tantos lugares, descapitalizam o comércio epistolar, embora o arco temporal dessa correspondência seja expressivamente dilatado, 57 anos.

Essas recentes edições de cartas de “homens de letras” – efetivamente de *homens*, já que as vozes femininas ali presentes, como a das escritoras Zélia Gattai (Jorge) e Lídia Besouchet (Newton) e a da artista plástica Creusa Maurício (Geraldino), mostram-se intelectualmente esmaecidas – evidenciam que a *negociação*, em sentido largo, ou seja, interação que opera trocas interessadas, é traço marcante na vida literária no Brasil do século passado. Distingue-se o elemento comercial na correspondência Lobato-Lima Barreto quando o editor vislumbra, em 1918, no romancista carioca, “o segredo de bem ver e melhor dizer” (CAVALHEIRO, 2017, p. 40), acreditando na possibilidade de um sucesso de vendas. Aposta, contudo, gorada, em face ao fracasso na comercialização de *M. J. Gonzaga de Sá*, mesmo tendo a obra recebido menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, onde (é bom lembrar) ainda pontificava a literatura “sorriso da sociedade”. Lobato, cauteloso nos negócios, declinaria, mais adiante, de publicar outras obras de Lima Barreto, pois lhe parecia “impossível”: “Estamos de tal modo abarrotados que não cabe mais ninguém na canoa. Infelizmente, o Brasil não ajuda a gente, e não é só editar – é mister vender, e a venda é sempre lenta, horrorosamente lenta” (CAVALHEIRO, 2017, p. 95). No início dos anos de 1990, Jorge Amado e José Saramago, ao encetarem uma correspondência transatlântica, já se posicionavam como escritores consagrados, reconhecidos amplamente também para além das fronteiras de seus países, vivendo exclusivamente da pena e de correlatos benefícios.

Entre eles, armam-se liames de solidariedade; aliança em júri literário; a indicação do confrade para ocupar posto em instituição cultural e para atuar em evento; elogio público mútuo; a valorização das produções um do outro. Empreende-se o agenciamento de bens simbólicos (que resulta direta ou indiretamente em lucros econômicos). Na correspondência, enuncia-se abertamente o “sentimento fraterno” (AMADO; CAPINAN; VIEL, 2017, p. 29) que os une, em um meio degradado, segundo o parecer do autor de *Ensaio sobre a cegueira*, em 1995: “o pior é que isto de prêmios não é raro que tragam um ressaibo de amargura [...]. Tanta miséria moral mal escondida, tanta inveja, tanto desejo de morte por trás das fachadas compostas de muitos que, num dado momento, vão ser juiz e sentença” (AMADO; CAPINAN; VIEL, p. 86). Embora Saramago garanta, em carta de 1992, que eles não estariam “a mendigar prêmios” (AMADO; CAPINAN; VIEL, 2017, p. 10), é o reconhecimento em escala universal de seus trabalhos que as cartas reivindicam com insistência. A ambição do “prêmio diabólico” (AMADO; CAPINAN; VIEL, 2017, p. 54), o Nobel sueco, traduz-se nas mensagens como defesa da lusofonia, condecoração, até hoje, como se sabe, apenas conferida, em 1998, a Saramago, mas sempre negada a um autor brasileiro.

A circulação de textos literários e ensaísticos, por meio da correspondência, pode igualmente configurar-se como uma transação de capital simbólico, se estes escritos são destinados a uma propagação mais ampla. Nem sempre, no caso, o aspecto financeiro parece estar em primeiro plano, sendo o principal o prestígio que o autor possa auferir com a difusão de sua obra. Newton Freitas, durante o Estado Novo, em razão de suas convicções políticas de esquerda, transfere-se para Buenos Aires, rapidamente integrando-se aos meios jornalísticos e editoriais. Admirador de Mário de Andrade, a quem considerava “a maior organização de escritor no Brasil” (ANTELO, 2017, p. 123), pretende “introduzir” a obra e o pensamento do amigo polígrafo “com força na Argentina” (ANTELO, 2017, p. 107). Na concretização de contatos e das propostas que lhe chegavam do país vizinho, Mário reconhece “a mão” de Newton (ANTELO, 2017, p. 145). Se, na década de 1920, pudera tecer vínculos frutíferos com escritores modernistas argentinos, o autor de *Pauliceia desvairada*, nos anos iniciais de 1940, beneficiava-se das ações do desembaraçado mediador cultural para “viajar impresso” em traduções (ANTELO, 2017, p. 207). Quando se “mir[a] em argentino” (ANTELO, 2017, p. 222), amplificando, assim, o raio de seu labor intelectual, pondera:

está claro que isso me dá satisfação, quem não tem vaidade! [...] Uma obra de combate artístico, linguístico e explosivamente nacionalista como a minha, decerto foi a consciência de toda essa restrição estética que eu me impunha que fez com que nunca eu sonhasse me ver traduzido ou conhecido fora daqui (ANTELO, 2017, p. 209).

Newton Freitas, em contrapartida, vale-se do renome de seu interlocutor, na expectativa de abrir caminhos para argentinos de passagem por São Paulo. Recorre a ele pedindo ajuda nas traduções que realiza e na ambição de enviar colaborações a jornais brasileiros; e pode contar com a assinatura de Mário no prefácio da versão em português de seu livro *Ensayos americanos*, obra que teve boa acolhida crítica do amigo. O escritor paulista, entretanto, será assertivo se não tem como “servir” Newton (ANTELO, 2017, p. 10) em alguma solicitação, desnudando, assim, o complexo sentido das transações na base da sociabilidade literária.

Em setembro de 1979, do Recife, o poeta Geraldino Brasil queixava-se em carta a Jaime Jaramillo Escobar, em Bogotá, da dificuldade de um “nome do Norte, chegar ao Sul” do Brasil; estimava que “mesmo custeando as pequenas edições, raramente se alcança no Rio ou em São Paulo, algo mais do que o silêncio” (BRENNER, 2017, p. 46-47). Entusiasmara-se ao saber que o colombiano, tendo lido, por artes do acaso, seus *Poemas insólitos e desesperados*, de 1972, manifestava a intenção de traduzi-los, e que uma amostragem do volume já havia sido estampada no jornal *El Spectador*, “con tiraje de 200.000 unidades” (BRENNER, 2017, p. 25). A substancial correspondência trocada entre dois autores sul-americanos, nomes sem grande projeção no âmbito editorial (do “Sul”), é instigante não apenas pela sua singularidade (a ligação literária Brasil-Colômbia), como também pelo que desvela do funcionamento da bolsa de valores da literatura, atrelada a uma determinada circunstância histórica. Se, em 1980, a prestigiosa José Olympio carioca não abria as portas a Geraldino, porque “a programação estava completa” (BRENNER, 2017, p. 87), a divulgação de sua obra poética terá, como indicam as missivas, uma grande projeção, em espanhol, na Colômbia, com perspectivas de propagação no território hispanófono. O que teria levado a esta inusitada situação? O lirismo de exasperada crítica social do brasileiro ecoava em um outro país em grave crise econômica, que assistia a manifestações populares de desgosto e à emergência dos movimentos de esquerda. Para Jaramillo Escobar, o poeta nordestino, solidário à “dor alheia”, “condena o nosso tempo,

porém confia nos meninos que estão chegando” (BRENNER, 2017, p. 29, tradução minha).¹ Geraldino deixa patente nas cartas o espírito de sua poesia, lamentando ver em sua pátria um “povo abandonado e explorado” (BRENNER, 2017, p. 229), que “está sofrendo, sem livro e sem escola, sem saúde” (BRENNER, 2017, p. 154). O tradutor, ao presenciar desigualdades similares na Colômbia, mostra-se igualmente combativo, acreditando “que nunca antes o poeta teve tanta responsabilidade como hoje” (BRENNER, 2017, p. 263, tradução minha).² Os versos de Geraldino, em roupagem castelhana, participava estrategicamente no coro dos descontentes; o fato de ser ele um autor estrangeiro, vivendo a distância dos embates, certamente o livrava de eventuais repreensões do governo local. O senso político dessas traduções aparece registrado em setembro de 1980, com o colombiano relatando ao autor que a leitura dos poemas dele na Universidad Nacional havia sido “proibida pelas autoridades militares” (BRENNER, 2017, p. 89, tradução minha).³ A postura ideológica de Jaramillo Escobar diante da realidade entranha-se no processo tradutório, não se furtando ele a colaborar ativamente na (re)criação dos poemas, com a anuência do autor, que, certamente, se via prestigiado tendo sua obra difundida no estrangeiro. Explicita o tradutor: “a poesia não pode ser traduzida de maneira literal [...] a poesia está sempre para além da forma, é a alma do poema” (BRENNER, 2017, p. 43, tradução minha).⁴

modifiquei quase todos os títulos, como se faz com os filmes para adaptá-los para um público diferentes, mudei de lugar alguns versos e suprimi outros cuja correspondência em castelhano perde sentido. Os versos suprimidos foram substituídos por novos, pertencentes legitimamente ao poema posto que foram por ele inspirados. (BRENNER, 2017, p. 92, tradução minha).⁵

¹ “dolor de los otros”, “condena nuestro tiempo, pero confia em esos niños que están llegando”.

² “que nunca antes el poeta ha tenido tanta responsabilidad como hoy”.

³ “prohibida por las autoridades militares”.

⁴ “la poesía no se puede traducir de manera literal. [...] la poesía está siempre más allá de la letra, es el alma del poema”.

⁵ “he modificado casi todos los títulos, como se hace con las películas para adaptarlas a un nuevo público, he cambiado de lugar algunos versos y he suprimido otros cuya correspondencia en castellano pierde sentido. Los versos suprimidos los he reemplazado por nuevos, que le pertenecen legítimamente al poema puesto que han sido inspirados por él”.

O aumento da turbulência na política colombiana, ao longo dos anos, provocando seguramente gestos reacionários, talvez tenha levado Jaramillo Escobar a um progressivo (e cauteloso) desaquecimento do diálogo epistolar que, para Geraldino, atuou como uma poderosa força motriz inventiva. De Medellín, Jaime escrevia em março de 1995: “A situação aqui é delicada, como afirmas, contudo me mantenho distante de tudo [...] tenho sorte em um país tão convulsionado” (BRENNER, 2017, p. 394, tradução minha).⁶ Projetando Geraldino Brasil, o colombiano projetava o seu próprio ideário estético e social, em um intercâmbio que a ambos beneficiou.

A correspondência, enquanto lugar de partilha de vivências no domínio da sociabilidade literária, distingue afinidades eletivas e a disposição para lidar com diferenças. O nacionalismo universalista de Mário de Andrade e o regionalismo tradicionalista de Gilberto Freyre, nos anos de 1920, afastam-se mutuamente; antagonismos intelectuais e prevenções pessoais fizeram com que, entre eles, os laços epistolares não frutificassem. A boa sintonia entre Manuel Bandeira e Freyre, contrariamente, nascida, em grande medida, a partir da simpatia entre conterrâneos, refundou o senso do “provincianismo”, tema recorrente nas cartas que trocaram, termo sempre em clave valorativa. A realidade “provinciana” teria propiciado a Freyre o olhar crítico em relação ao cosmopolitismo do início do século XX e a Bandeira um rico imaginário levado à transcendência na atividade lírica. As trocas intelectuais efetivam-se no diálogo epistolar, que se consolida como espaço de amizade. Em 1925, Bandeira vê estampada a sua “Evocação do Recife” no *Livro do nordeste*, número comemorativo do *Diário de Pernambuco*, idealizado por Gilberto, quem, aliás, lhe encomendara o poema; Gilberto, em 1927, leva o companheiro a “travar relações com os irmãozinhos de língua inglesa” (DIAS, 2017, p. 33), emprestando a ele *The New Poetry: An Antology*; em 1929, deseja a colaboração (sigilosa) de Bandeira no desenvolvimento de um estudo sobre a “vida e a história da criança, em vários países”, detectando nele a “simpatia pelo assunto”, a “rara inteligência” e a “cultura musical”, além do que devia conhecer sobre o “menino na literatura brasileira” (DIAS, 2017, p. 40-42); em 1931, mobiliza-se na apresentação de *Libertinagem* ao

⁶ “La situación acá es delicada, como dices, pero me mantengo muy aparte de todo [...] tengo suerte en un país tan convulsionado”.

crítico estadunidense Isaac Goldenberg; Bandeira, em 1934, ocupa-se em colocar o autor de *Casa grande & senzala* a par da recepção crítica da obra; em 1938, para ajudar o sociólogo, distribui questionário que viria a fundamentar as reflexões de *Ordem e Progresso*; em 1945, a editora Globo, por seu intermédio, anuncia o propósito de publicar a tradução de *Brazil: An Interpretation* de Freyre; etc. Avançando até 1966, as mensagens escasseiam, permanecendo, todavia, a memória afetiva do convívio, nas notícias pessoais e dos amigos comuns, nos relatos sobre a elaboração e difusão de suas produções e nas leituras da realidade brasileira, estando ausentes, desde o princípio dessa carteação “cordial”, embates e tensionamentos.

O sentimento fraterno que modula o diálogo Freyre-Bandeira preside também a correspondência trocada entre Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, ambos pertencentes à mesma geração de mineiros que aderiu ao movimento modernista. Drummond ao dirigir-se a Mário de Andrade e a Alceu Amoroso Lima empreendeu (como se observa na correspondência organizada, respectivamente, por Silviano Santiago, Lélia Coelho Frota e Leandro Garcia) um diálogo epistolar tenso, com a permutas de ideias e valores, à beira de rupturas, transfigurando, no correr do tempo, o que, inicialmente, era assimetria etária em igualdade de posicionamentos intelectuais. Embora Drummond e Nava, na avaliação de Humberto Werneck, possam ser vistos como “homens bem diferentes”, no contraponto “reservado” (Drummond) e “exuberante” (Nava), com suas escritas confirmando essas posturas, as missivas parecem aspirar a mansidão de um convívio harmônico, que lhes permite, aqui e ali, comedidamente, a expressão do que lhes vai mais fundo na alma. Se na primeira carta do conjunto Nava ensaia “começar um intercâmbio” no território da literatura, ao enviar dois “poemas mirins” (VASCONCELLOS; SANTOS, 2017, p. 21) de sua lavra para serem avaliados pelo itabirano, o verdadeiro sentido das trocas se realizará nas redes firmes do companheirismo, um oferecendo ao outro, a cada passo, a cumplicidade erigida na passagem dos anos, sem fissuras (os muitos bilhetes de feliz aniversário pontuando a sua durabilidade). Um pacto epistolar, em 1931, sublinhava a “velha amizade que sempre [os] uniu”, “amizade à prova [...] de desatinos amáveis” (VASCONCELLOS; SANTOS, 2017, p. 29). A colaboração recíproca registrada nas malhas da correspondência se dará ainda, e não por acaso, no trabalho de

reconstrução literária do passado, quando apontamentos de Drummond contribuem para que Nava pudesse tecer as suas (de todos eles) memórias.

A correspondência de escritores, ao mobilizar variadas negociações, livres intercâmbios intelectuais e expressões de posicionamentos ideológicos, suscita, muitas vezes, suspeitas de governos autoritários. A transmissão de ideias no campo literário por meio de cartas sofre, então, vicissitudes. Em 1941, na era Vargas, Mário de Andrade remete a Newton “o artigo sobre Inteligência Brasileira” de sua autoria, impresso “com o título ‘Elegia de Abril’, mode não dar na vista da censura” (ANTELO, 2017, p. 111). Com a vigiada abertura dos envelopes, trechos das mensagens recebendo cortes com a tesoura da malha estatal opressora, Newton se queixa, em 1945: “desgraçadamente nossas cartas não podem atualmente ter o caráter destas conversas francas, abertas, que tão bem faz à gente” (ANTELO, 2017, p. 190). No ano anterior, Bandeira deixava de escrever a Gilberto, ciente de que “a censura dava sumiço a tudo” (DIAS, 2017, p. 127) o que encaminhava para o endereço dele no Recife, por ordens da interventoria federal. Em dezembro de 1945, eles (e outros correspondentes) podiam, enfim, respirar aliviados, constatando Freyre, em carta, o fim do “regímen gestapiano” (DIAS, 2017, p. 132).

Obra involuntária, construída ao sabor dos dias, difundida muitas vezes à revelia dos missivistas, quase sempre póstuma, a edição de uma correspondência coloca em pauta, inicialmente, questões éticas, considerando-se que, enquanto documentos da vida privada, desnudam aspectos da intimidade dos envolvidos, ventilam ideias estrategicamente moldadas no contexto da produção do diálogo, irradiam opiniões reservadas (elogiosas ou ofensivas) acerca de terceiros ou de instituições. A publicação de cartas demanda ainda uma densa reflexão sobre questões de método, na passagem do texto no manuscrito para as páginas do livro. Ler carta e ler livro de cartas são práticas, evidentemente, diferenciadas, tendo em vista, entre outros aspectos, os significados ostensivos ou latentes na materialidade das missivas, elididos na tipografia bibliográfica homogênea. Silvana Moreli Vicente Dias foi quem, nas edições aqui mencionadas, pôde melhor situar o problema, sustentando que “editar correspondência é [...] um desafio e um risco” (DIAS, 2017, p. 20). Trouxe à luz, no tópico “Dos arquivos à edição: apontamentos”, a complexidade metodológica no tratamento documental, para que possa obter uma edição confiável, afiançada pelo “rigor filológico” (DIAS, 2017, p. 179). As edições hoje consideradas mais consistentes, compromissadas com

a extroversão de textos fidedignos, valem-se de pressupostos críticos da filologia, da crítica textual e genética, as decisões do organizador no estabelecimento do texto, vindo sempre explicitadas no volume. Do mesmo modo, a anotação das missivas, atividade crítica inesgotável que demanda saberes abrangentes, essencial para que o diálogo epistolar possa ser melhor compreendido dentro de seu contexto biográfico e histórico, requer apuradas considerações sobre os benefícios e os limites dessa empreitada, que deve, em geral, se orientar de acordo com o perfil do leitor almejado (transcrição diplomática, por exemplo, destina-se, prioritariamente, a especialistas da área linguística). As edições levadas a termo por Silvana Vicente Moreli Dias, Eliane Vasconcellos, Matildes Demetrio dos Santos e por Raúl Antelo, cada qual com suas especificidades metodológicas, são modelares em termos de propostas de edições “fidedignas e anotadas”, portanto ideais para suportar cerrados procedimentos hermenêuticos.

Se as correspondências de escritores permitem a apreensão de trajetórias intelectuais em confronto, em permanente interação, a carta, isoladamente, faculta a observação de marcos biográficos e de filtros testemunhais, quando não de valores estéticos, na exploração de seus recursos estilísticos e narrativos. O bonito relato de Manuel Bandeira, em sua passagem pela cidade mineira de Campanha, em 1935, aonde, 30 anos antes, chegara “carregado”, buscando a cura para a tuberculose, transforma-se em pungente manifestação de amizade:

No descalabro que foi a minha vida, ainda me sobram amizades sólidas como a das Blanks, a sua, do Rodrigo e poucos mais. E quis escrever isto a você para dizer que a lembrança destes bons amigos me acompanhava enquanto eu andava como um fantasma sem eira nem beira pelas ruas desertas daquela cidadezinha morta (DIAS, 2017, p. 87).

Esse notável documento autobiográfico, com seu vigor poético e potente senso de humanidade, poderia, certamente, ocupar as páginas de uma antologia epistolar. O escritor Sérgio Rodrigues leva a cabo, aliás, em *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*, uma bem-sucedida “seleção eclética de missivas brasileiras incríveis que se destacam como cápsulas de tempo” (RODRIGUES, 2017, p. 8). A obra inspira-se nas *Cartas extraordinárias*, do britânico Shaun Usher, traduzido no Brasil

em 2015. Embora a ideia de que as cartas expressem “sinceridade” (RODRIGUES, 2017, p. 9), defendida pelo organizador em seu prefácio, possa ser questionada, na medida que elas seriam, mais propriamente, estratégias de figuração da sinceridade, a saborosa compilação, de fato, contextualizando cada uma das mensagens selecionadas, consegue “nos transportar inteiros, cabeça e coração, para outras eras, outros mundos e mentalidades” (RODRIGUES, 2017, p. 8). Nessa antologia, os escritores, assinando perto de um terço das cartas, mostram como não apenas integram uma rede de *negociações* no campo literário, como também, não raras vezes, fazem de suas missivas refinados exercícios de “literariedade”.

Referências

AMADO, P. J.; CAPINAN, B.; VIEL, R. (Org.). *Jorge Amado e José Saramago com o mar por meio: uma amizade por cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ANDRADE, Mário de. *O empalhador de passarinho*. 3. ed. São Paulo: Martins, MEC, 1972.

ANTELO, R. (Org.). *Correspondência Mário de Andrade & Newton Freitas*. São Paulo: Edusp, IEB, UFSC, 2017.

BRENNER, B. (Org.). *Encontro entre poetas: as cartas de Geraldino Brasil e de Jaime Jaramillo Escobar*. Recife: Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, 2017.

CAVALHEIRO, E. *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto: com notas, manuscritos e acréscimos*. Organização de Valéria Lamego. 2. ed. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2017.

DIAS, S. M. V. (Org.). *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*. São Paulo: Global, 2017.

DINIZ, A. *O itinerário pioneiro do urbanista Attilio Corrêa Lima*. Jundiaí: Paco Editorial, Conselho de Arquitetura de Goiás, 2017. 2 v.

FREIBETTO. *Cartas da prisão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MORIN, F. *Roger Bastide/ Pierre Verger. Diálogo entre filhos de Xangô: correspondência 1947-1974*. Tradução Regina Salgado Campos. São Paulo: Edusp, Fundação Verger, 2017.

PEREIRA, P. R. (Introdução, estabelecimento de texto, notas, cronologia e bibliografia). *Manuel da Nóbrega: obra completa*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, Loyola, 2017.

RODRIGUES, S. (Org.). *Cartas brasileiras: correspondências históricas, políticas, célebres, hilárias e inesquecíveis que marcaram o país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

VASCONCELLOS, E.; SANTOS, M. D. (Org.). *Descendo a rua da Bahia: a correspondência entre Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.

Recebido em: 23 de maio de 2018.

Aprovado em: 08 de junho de 2018.